



FILOSOFIA PERENE: A BASE HUMANISTA PARA RESGATAR NA CIÊNCIA OS VALORES HUMANOS

Denise Kimmel de Souza¹

Alécio Vidor²

RESUMO

A filosofia e a ciência são contemporâneas. A filosofia perene possui em suas bases valores e o critério ético do humano que fundamenta e norteia a ação do homem. O problema histórico cultural ocorre na dicotomia entre ciência e filosofia. Enquanto a ciência apropriou-se do mundo real para explicá-lo com o auxílio da evolução tecnológica, a filosofia passou a dedicar-se ao estudo metafísico do homem, esta separação mantém o homem distante de si próprio e desconhecido de si mesmo. Nesta abordagem, a metodologia de pesquisa foi uma pesquisa bibliográfica sobre o tema, com o objetivo de propor uma revisão crítica da atual cultura ensinada, resgatando os aspectos da filosofia perene³ com a ciência ontopsicológica. Os resultados apresentados evidenciam que a ciência e a tecnologia vigentes distanciam-se, cada vez mais, dos princípios da filosofia perene, massificando a sociedade e eliminando a capacidade crítica racional inerente ao humano, capaz de torná-lo autêntico, único e irrepitível.

Palavras-chave: Filosofia. Ciência. Tecnologia. Humanismo. Ontopsicologia.

ABSTRACT:

Philosophy and Science are contemporary. The perennial philosophy has its bases in values and human ethical criteria which establishes and guides man's action. The cultural historic problem occurs in the dichotomy between science and philosophy. While science appropriated the real world to explain it with the aid of technological development, philosophy devote itself to metaphysical man study, this separation keeps man's distant and unknown to himself. In this approach, the research methodology was a literature search on the topic in order to propose a critical review of the current taught culture, redeeming aspects of the perennial philosophy with ontopsychological science. The presented results indicate that the existing science and technology distance themselves increasingly from the principles of Perennial Philosophy, massifying society and eliminating the rational critical capacity inherent to human, able to make it authentic, unique and unrepeatable.

Key-word: Philosophy – Science – Technology – Humanism – Ontopsychology

¹ Graduada em Direito pela Universidade do Sul de Santa Catarina - UNISUL (2008), mestranda em Filosofia pela Faculdade São Bento de São Paulo. E-mail: denisekimmel@hotmail.com.

² Graduação em Teologia pelo Escolasticado São José (1964), graduação em Pedagogia pela Universidade de Passo Fundo (1968), graduação em Filosofia pela Universidade de Passo Fundo (1971), Graduação em Ontopsicologia pela Associação Internacional de Ontopsicologia - Roma (1978), mestrado em Pró dissertatione Doctorali, pela Pontifícia Universidade Católica de São Tomás - Roma e Doutorado em Filosofia pela Pontifícia Universidade São Tomás de Aquino Roma (1973).

³ Filosofia perene: neste artigo, o termo filosofia perene será abordado como uma "filosofia eterna" no sentido de designar a pretensão à verdade e à certeza definitiva, que todo sistema filosófico tradicionalmente teria. Esta filosofia é a que conhece apenas o simples naturalístico biológico fundado no ser.



1 INTRODUÇÃO

A filosofia e a ciência sempre tiveram uma estreita relação, praticamente surgiram na mesma época. O momento do surgimento se deu quando a curiosidade humana começou a questionar os mitos do mundo. É certo que os dois termos não significam a mesma coisa, mas a dicotomia foi ocorrendo durante a história. Por volta do século XVII, Idade Moderna, a ciência, buscando estabelecer métodos, conceitos e objetos de estudo, acabou se distanciando da filosofia.

A ciência ficou responsável pelos processos de experimentação e *matematização* da natureza, cabendo-lhe apropriar-se do real e explicá-lo de modo objetivo. Enquanto a filosofia ficou responsável pelas *ciências do espírito*, ou seja, por dedicar-se ao estudo metafísico do homem.

Segundo Platão, a ciência permite o discurso verdadeiro e seus conceitos exigem ser justificados pela filosofia. Para Descartes, a filosofia deixa de ser o acabamento para tornar-se o pressuposto da ciência, alegando que:

[...] o saber é como uma árvore cujas raízes são a metafísica, o tronco a ciência física, e os ramos as ciências aplicadas. O saber científico se desenvolve de modo autônomo e não mais como um momento do caminho da sabedoria: é ele que torna o homem mestre e dominador da natureza. O papel da filosofia é o de procurar as raízes e o fundamento do conhecimento realizado pela ciência. Sem a legitimação metafísica, a ciência permanece um saber sem garantia. (apud. JAPIASSU; MARCONDES, 1996, p. 36).

Meneghetti (2002, p. 69) também critica o critério que justifica e fundamenta a atual corrente científica e filosófica alegando que: “Verifiquei sempre que todas as formas de pensamento baseiam-se em premissas deduzidas, em base a uma segurança de primeiros princípios universais jamais demonstrados, não específicos de nenhuma corrente científica.” Os princípios universais, por exemplo, da razão ou do concreto, investem o chamado bom senso comum do entender, do querer, do perceber.

Hoje, o critério para fazer ciência é a opinião ou a constatação de um grupo na academia, que se denomina “autoridade científica”. Este processo, influenciado pela cultura, impacta no conhecimento que é transmitido pela academia. É preocupante observar que a capacidade crítica está sendo condicionada a não



fazer o seu papel, que é o de refletir e criticar. “A crítica superficial procura reforçar o que foi dito e negar uma nova descoberta”. (VIDOR, 2007, p. 399).

A ciência seguiu o critério convencional e produziu uma tecnologia que está presente de forma constante na vida do homem. Neste sentido, a tecnologia também tem sido responsável por influenciar uma “superficialidade racional”, por meio das armadilhas do mundo virtual, que fazem com que os jovens percam horas com informações alienantes, distanciando-se da essência vital de todo o processo de racionalidade crítica existencial.

Portanto, este artigo tem por objetivo geral propor uma revisão crítica da atual cultura ensinada, resgatando os aspectos da filosofia perene com a ciência, fundamentando-se na ontopsicologia.

A estrutura deste artigo apresenta a fundamentação teórica sobre a filosofia, a ciência e a tecnologia, resgatando aspectos históricos do pensamento humanista que se desenvolveu na Grécia antiga, século V a.C., local onde esta forma de pensamento mais elaborada iniciou. Apresenta, também, referências estatísticas relacionadas ao uso da tecnologia, sobretudo a Internet, principal forma utilizada pelos jovens para pesquisas escolares e diversão. Na discussão geral apresenta a necessidade do resgate do fundamento filosófico perene para retomar os instrumentos de lógica, de história e senso crítico, para resgatar o valor humano.

O argumento deste artigo justifica-se à medida que a ciência e tecnologia, cada vez mais, buscam seu fundamento na *doxa*⁴ social, distanciam-se dos valores humanistas existentes na base da filosofia perene. É necessário atuar na formação humanista do indivíduo desde o seu nascimento e nas etapas elementares de seu desenvolvimento, momento este, em que o critério de natureza e o apelo à verdadeira crítica racional é genuinamente presente. A criança, por exemplo, em idade tenra, apesar de não saber verbalizar, sabe expressar quando situações sociais, ambientais e de convívio interferem em sua lógica de natureza. É este o critério que é intrínseco a natureza do homem e que a filosofia perene resgata tornando-o autêntico. O grande risco é que a ciência e a tecnologia estão distanciando-se deste ponto, fazendo com que o humano acredite mais nos critérios externos que a si próprio. E por consequência, quem produz ciência reforça a doxa, já que ele próprio perdeu seu critério.

⁴ **Doxa**: termo de origem grega que significa “opinião” (SEIFERT, 2010).



2 FILOSOFIA CIÊNCIA E TECNOLOGIA

No tempo épico dos gregos, “filosofia” designava, o “amor à sabedoria”, e a palavra “ciência” (*episteme*) era definida, por Platão, como uma forma de conhecimento oposta à opinião ou senso comum (*doxa*), portanto, um conhecimento mais profundo e geral sobre as coisas. Até meados do século XIX, a Filosofia foi compreendida como fundamento da ciência, considerando seus métodos objetivos, já que os homens que faziam “ciência” se consideravam e se designavam, a si próprios, como “filósofos” e a “ciência” não era por eles entendida senão como parte da “filosofia” (SERRA, 2008, p. 5). Seguindo um caminho inverso, a partir de meados do século XIX, “as várias formas de positivismo pretenderam afirmar a subordinação da Filosofia à Ciência” (SERRA, 2008, p. 6). Chegaram, inclusive, a declarar que a filosofia acabaria sendo extinta, restando apenas como um “resíduo” (GLOBOT *apud* SARAIVA, 1981). Fato improvável, pois a filosofia continua resistindo até hoje e Jaspers (1965) explica o valor da filosofia afirmando:

Mas a filosofia está longe de ser impotente no que diz respeito ao indivíduo. Ela constitui, muito ao contrário, a grande força que leva o homem a encontrar o caminho para a liberdade. Só ela possibilita a independência interior. Ganho essa independência exatamente quando e onde pareço completamente dependente, ou seja, quando reconheço que — em minha liberdade, em meu amor, em minha razão — fui dado a mim mesmo (JASPER, 1965, p. 104).

Filosofia não pode existir sem a ciência e nem a ciência sem a filosofia, o nascimento das duas foi simultâneo, ao ponto de “Tales de Mileto, que é considerado o primeiro filósofo, ser também considerado como o primeiro matemático, sendo ainda astrônomo” (SERRA, 2008, p. 9). Não seria possível separá-las, pois conforme Serra (2008, p. 9), “cada nova doutrina filosófica provoca uma ‘remodelação’ no campo das ‘teorias das ciências’; por outro lado, a fundação de uma nova ciência conduz a novas doutrinas filosóficas ou ao aprofundamento das existentes”. A evolução da filosofia e da ciência possibilitaram o desenvolvimento das demais ciências, assim como a matemática, astronomia, física, química, psicologia, entre outras que foram as responsáveis por formar as bases culturais da sociedade.



2.1 Filosofia e suas formas de conceituação

Saber a *história da filosofia*, também é conhecer a própria *filosofia*, pois estudar o incrível percurso pelo qual a inteligência humana transcorreu ao longo dos anos é cultivar e ampliar o “amor pela sabedoria”, na sua raiz última. A filosofia, no percurso de sua história, foi conceituada de diversas maneiras, conseqüentemente, considera-se difícil obter uma definição genérica do termo filosofia, pois cada época teve uma forma de definição conforme a evolução cultural, assim como ocorre de forma igual na definição de ciência.

Diversos estudiosos trouxeram a definição de filosofia, comparando-a como um tipo de ciência, Marías (2004, p. 3) traz a relação da filosofia como uma *forma de viver*, e faz a seguinte relação com a ciência: “A filosofia é um modo de vida, um modo essencial que, justamente, consiste em viver uma certa ciência e, portanto, a postula e a exige. É portanto uma ciência que determina o sentido da vida filosófica”. Na visão de Platão, século IV a.C., a filosofia consistia na aquisição de um conhecimento que fosse o mais amplo possível e que o uso desse conhecimento fosse em benefício do homem. Para ele, a filosofia era a única capaz de coincidir o “fazer algo” e o “saber utilizar algo”:

[...] Filosofia é o uso do saber em proveito do homem. Platão observa que de nada serviria possuir a capacidade de transformar pedras em ouro a quem não soubesse utilizar o ouro, de nada serviria uma ciência que tornasse imortal a quem não soubesse utilizar a imortalidade, e assim por diante. É necessária, portanto, uma ciência em que coincidam fazer e saber utilizar o que é feito, e esta ciência é a Filosofia. [...] (ABBAGNANO, 2007, p. 442).

Para Epicuro (*apud* MARÍAS, 2004, p. 97), filósofo grego do período helenístico, “a filosofia é uma atividade que procura, com discursos e raciocínios, a vida feliz”. Segundo os estoicos, a filosofia “é o exercício de uma arte destinada a reger a vida”. Neste momento, a filosofia começa a mudar de sentido, pois o homem do final do século IV a.C. e começo do século III a.C. abandona a filosofia enquanto saber e busca um fundamento para a sua vida.

René Descartes, século XVII, permaneceu similar à ideia trazida por Platão e afirmou que a palavra filosofia



[...] significa o estudo da sabedoria, e por sabedoria não se entende somente a prudência nas coisas, mas um perfeito conhecimento de todas as coisas que o homem pode conhecer, tanto para a conduta de sua vida quanto para a conservação de sua saúde e a invenção de todas as artes (ABBAGNANO, 2007, p. 442).

Meneghetti (2010a) disse que a filosofia (crítico-ontológica) descreve os fins intrínsecos da fenomenologia de um objeto, portanto, colhe a lógica interna estrutural, a ideia subjacente ao modo de mover-se que aparece do objeto. É a pesquisa sobre “o que” e “por que”: o que é? Por quê? Para ele, a filosofia da ciência é uma enorme vantagem para o pesquisador, o qual evita dispersões inúteis e analisa exclusivamente os fatos que são meios eficazes à realização e à evidência.

Recentemente, Jaspers⁵, século XX, destacou que a filosofia tem um importante papel perante a forma de pensar o mundo, como uma clarificadora de opiniões, e afirmou que a filosofia:

Ensina, pelo menos, a não nos deixarmos iludir. Não permite que se descarte fato algum e nenhuma possibilidade. Ensina a encarar de frente a catástrofe possível. Em meio à serenidade do mundo, ela faz surgir a inquietude. Mas proíbe a atitude tola de considerar inevitável a catástrofe. Com efeito, apesar de tudo, o futuro depende também de nós. (JASPERS, 1965, p. 106).

2.2 Filosofia – separação da ciência

Um marco importante na história da filosofia e da ciência foi a Idade Contemporânea, onde ocorreu o movimento intelectual iluminista do século XVIII, representou o fim da especulação *metafísica*, que ocorreu anterior a este período, no século XVII. Por uma necessidade dos filósofos de difundir o conhecimento às massas, a filosofia acaba perdendo seu rigor de dificuldade, e se banalizando.

Começa-se a acreditar na possibilidade de alcançar a *verdadeira verdade* por meio das luzes da razão científica, banindo para sempre o misticismo religioso. O modelo geocêntrico, no qual a Terra era imóvel e localizava-se no centro do universo, dá lugar ao modelo heliocêntrico, segundo o qual não é a Terra, mas o Sol, o centro de nosso sistema planetário, abalando estruturas, costumes e convicções da sociedade. Começa a se estabelecer, mesmo que não admitida explicitamente, a

⁵ Karl Jaspers (1883-1969), alemão, é um filósofo cuja obra se inspira em Kierkegaard. Jaspers escreveu ainda: Psicologia das concepções de mundo (1919); Introdução à filosofia (1950); Razão e desrazão de nosso tempo (1952); A bomba atômica e o futuro do homem etc.

dependência do comportamento humano aos desenvolvimentos científicos e às suas interpretações.

A história da filosofia é descontínua, e as épocas de máxima tensão criadora são sempre seguidas de longos anos de relaxamento, em que a mente parece não poder suportar o esforço metafísico. Marías (2004) faz uma crítica ao século XIX, onde a filosofia vai ser formalmente negada, sendo substituída por outras ciências aplicadas. “E a mente europeia de 1830 encontra nas ciências particulares o modelo que irá transpor para a filosofia. A física, a biologia, a história vão surgir como modos exemplares de conhecimento. Dessa atitude nasce o positivismo” (MARÍAS, 2004, p. 376).

O *positivismo lógico*⁶, um movimento, cujo núcleo original formou-se em torno do chamado *Círculo de Viena*⁷, na década de 1920, interrompeu a tradição metafísica, exercendo uma influência marcante sobre a comunidade científica, que perdura até os dias de hoje, não obstante críticas severas ao *positivismo lógico* haverem surgido ainda na década de 1930.

No campo da filosofia ocorre o mesmo movimento, ela torna-se muito mais crítica e questionadora, duvidando, inclusive das descobertas científicas:

A filosofia crítica, principalmente a partir do Iluminismo, vai atribuir à filosofia exatamente esse papel de investigação de pressupostos, de consciência de limites, de crítica da ciência e da cultura. Pode-se supor que essa concepção, mais contemporânea, tem raízes no ceticismo, que, ao duvidar da possibilidade da ciência e do conhecimento, atribuiu à filosofia um papel quase que exclusivamente questionador (JAPIASSU; MARCONDES, 1996, p. 77).

O século XIX se apresenta como o *Século da Ciência*, momento em que começa a se definir a verdadeira arquitetura e funcionamento do universo e da natureza, trazendo como consequência, não apenas o conhecimento definitivo, como também, a própria redenção do gênero humano e das sociedades. Na busca

⁶ Positivismo: o termo "positivismo" designa várias doutrinas filosóficas do séc. XIX. Como as de Stuart Mill, Spencer, Mach e outros, que se caracterizam pela valorização de um método empirista e quantitativo; pela defesa da experiência sensível como fonte principal do conhecimento; pela hostilidade em relação ao idealismo; e pela consideração das ciências empírico-formais como paradigmas de cientificidade e modelos para as demais ciências. (JAPIASSU; MARCONDES, 1996, p. 153).

⁷ *Círculo de Viena*: Associação fundada na década de 20 por um grupo de lógicos e filósofos da ciência, tendo por objetivo fundamental chegar a uma unificação do saber científico pela eliminação dos conceitos vazios de sentido e dos pseudoproblemas da metafísica e pelo emprego do famoso critério da verificabilidade que distingue a ciência (cujas proposições são verificáveis) da metafísica (cujas proposições inverificáveis devem ser supressas). (JAPIASSU; MARCONDES, 1996, p. 37).



do domínio de todas as possibilidades de verificações, verdades e outros preceitos supostos da ciência, o homem sempre procurou o “melhor método”. Dentre eles se destacaram: a *indução* e a *dedução*. E foram usados habitualmente como forma de pensar e raciocinar.

No fechamento do século XIX e início do século XX, a consideração de outras percepções da inteligência humana, além do *universo racional matemático*, na construção da nova teoria do conhecimento tem sido um dos dados mais significativos deste processo de transformação que já estamos vivendo.

Pode-se observar que na filosofia contemporânea, encontra-se, ainda em diferentes correntes e perspectivas, um sentido de filosofia como *investigação crítica*, situando-se, portanto, em um nível essencialmente distinto do da ciência, embora intimamente relacionado a esta, já que descobertas científicas, muitas vezes, suscitam questões e reflexões filosóficas.

2.3 Ciência atual – uma convenção

Buscando a definição do termo “ciência”, Meneghetti (2008, p. 53) assevera que “Ciência do latim: scio ens = sei o ser. Saber como age o ente. Saber a ação do ser. Saber a ação como o ser ou a natureza a põe e a gere”. O autor explica que ao utilizar o termo “científico”, é importante se ater a algumas regras pré-estabelecidas por um contexto sociojurídico, portanto, a ciência também é uma convenção:

Ciência não é a verdade, a verdade é algo muito maior. Ciência é qualquer descoberta que é levada ao exame de outros colegas que identificam e aprovam. [...] Por isto, consideramos científico o que é acreditado também pela fé ou convicção de outros semelhantes ou específicos daquele setor (MENEGETTI, 2002, p. 125).

Importante ressaltar que a ciência existe, há muito tempo, como uma importante atividade inerente à raça humana. Bazzo (1998) explica que os babilônios, os egípcios e outros povos mais antigos já desenvolviam o senso de investigação por meio da curiosidade. Estas investigações geraram muitos resultados importantes que foram sistematizados posteriormente pelo homem, constituindo hoje o que conhecemos como *processo científico*.



Em sentido amplo e clássico, atualmente “ciência” (lat. scientia: saber, conhecimento), significa saber metódico e rigoroso, isto é, um conjunto de conhecimentos metodicamente adquiridos, sistematicamente organizados, e suscetíveis de serem transmitidos por um processo pedagógico de ensino. É a modalidade de saber constituída por um conjunto de aquisições intelectuais que tem por finalidade propor uma explicação racional e objetiva da realidade, ou seja, é a forma de conhecimento que não somente pretende apropriar-se do real para explicá-lo de modo racional e objetivo, mas que procura estabelecer entre os fenômenos observados e as relações universais e necessárias. (JAPIASSU; MARCONDES, 1996).

Contemporaneamente, a ciência se objetificou a tal ponto que para ser considerada válida uma teoria, por exemplo, deve-se seguir um *rigor metodológico*, e ainda sim, ser aprovada pela *academia científica*, ou seja, deve seguir um ritual de etapas previamente estipuladas. Mas quem assegura a validade deste *rigor metodológico*? Tudo não passa de uma convenção humana, um acordo entre as partes interessadas que aceita passivamente às ordens deste sistema. Assim, Meneghetti (2013a) faz uma crítica às ciências contemporâneas e afirma:

Atualmente muitas ciências são definidas científicas, mas na realidade não têm os pressupostos intrínsecos para documentar-se como tais. Cada uma delas parte de um compartilhamento, de uma espécie de direito positivo aceito pela comunidade científica, mas não evidenciado pela intencionalidade de natureza. (MENEGETTI, 2013a, p. 130).

Conforme Meneghetti (2013a) a ciência contemporânea não evidencia a “intencionalidade de natureza” como fundamento humano. Sobre o resgate a esta intencionalidade de natureza, Meneghetti (2013a) explica que a ciência só é possível nas mãos do *homo faber inhaerens naturae*, que possui o critério que se faz intrínseco à natureza. Portanto, é o próprio cientista, o responsável por levar esta condição à ciência, ou seja, o próprio homem.

A cultura se molda com base não somente nas tradições artísticas, religiosas e filosóficas de uma sociedade, mas também, suas *técnicas científicas próprias*, seus costumes políticos, entre outros fatores. Se a base científica é esquecida, restando apenas uma racionalidade crítica sem o fundamento humano, a sociedade estará fadada ao conformismo do sistema, ou seja, sem possibilidades de



criticar e indagar eventos científicos, conforme a intencionalidade de natureza humana.

2.4 Relação entre ciência e filosofia

Apesar de parecerem distantes, é possível fazer uma relação entre filosofia, ciência e tecnologia. Em linhas gerais, pode-se considerar que a partir da filosofia perene aprimorou-se o exercício do pensar, mas um pensar de forma crítica, profunda sobre o humano. Surgindo praticamente na mesma época, a ciência utilizou-se desta racionalidade crítica para criar métodos, com a finalidade de chegar à verdade das coisas. Por fim, a ciência evoluiu ao ponto de criar um meio de avançar em suas pesquisas, e a tecnologia, que trouxe inovações para o avanço da humanidade em todos os seus aspectos, sociais, econômicos, políticos.

A tecnologia acrescentou novas ferramentas na evolução do mundo, mas ainda hoje, as teorias desenvolvidas por cientista e filósofos antigos continuaram sendo estudadas. A tecnologia também aumentou, consideravelmente, a velocidade com que as informações são passadas entre os continentes, pela globalização. Uma descoberta feita por cientistas, por exemplo, pode ser informada em tempo real para qualquer parte do mundo. Inclusive pode ser utilizada como critério científico para mensuração, com equipamentos de alta precisão nas mais diversas áreas como medicina, engenharia etc.

A maioria dos aparelhos e instrumentos foi inventada ou concebida no século XIX, contudo os descobrimentos realizados no século XX e XXI potencializaram os efeitos da tecnologia, promovendo inovações fundamentais. A principal mudança foi no campo da informação, com satélites de comunicação, ondas eletromagnéticas, fios, cabos e fibras ópticas, tornando possível transmitir sons e imagens de qualquer ponto do planeta (NEVES, 2002).

De fato, a tecnologia facilitou a comunicação do homem com o mundo e, inclusive, do homem consigo mesmo. Por exemplo, aplicativos de celular que verificam a frequência cardíaca em minutos, ou ainda, localizam sua posição geográfica no mapa. Um ponto de referência marcante foi a Revolução Industrial (1750 e 1830), que alavancou a expansão tecnológica, modificando o processo industrial, que antes era artesanal, para um processo mecânico.



Há muitos anos, a ciência e a tecnologia vêm ditando os rumos e alternâncias do comportamento social, tanto no plano industrial quanto nos setores individuais das pessoas. O termo “tecnologia” é, segundo a definição de Goldemberg (1978, p. 157), “o conjunto dos conhecimentos de que uma sociedade dispõe sobre ciências e artes industriais, incluindo os fenômenos sociais e físicos, e a aplicação desses princípios à produção de bens e produtos”.

Para Bazzo (1998, p. 18), a tecnologia, com maiores ou menores impactos, tem conformado nossa vida. “Estamos à mercê de sistemas interconectados *bytes*, *hardware*, *software* e, o que é grave, estamos nos sentindo subservientes à sua autoridade, moldando-nos ao seu funcionamento”. Isto nos converte em participantes de uma nova ordem na história, em um sistema tal que nos coloca face a face com uma cultura que podemos chamar de uma rendição da cultura à tecnologia. Verificamos que a sociedade vive sob as promessas e domínios da ciência e da tecnologia. Tudo que é tecnológico aparenta ser “mais confiável”. A lógica primordial do comportamento humano tornou-se a lógica da eficácia tecnológica, respaldada na ciência. Mitchan (1989) traz um novo argumento e afirma que o principal critério ainda é o ser humano:

Se todos os inventos mecânicos dos últimos cinco mil anos fossem apagados de repente haveria uma catastrófica perda de vida; mas o homem continuaria sendo humano. Por sua vez, se se eliminasse a faculdade de interpretar [...] a terra inteira desapareceria mais depressa que a visão de Próspero e o homem sumiria num estado mais desamparado e brutal que o de qualquer animal: próximo à paralisia (MITCHAN, 1989, p. 55).

Portanto, a capacidade crítica, de reflexão, de criatividade humana é a verdadeira propulsora de todos os grandes feitos. A inteligência humana é superior a qualquer modelo artificial tecnológico, pois é ela quem cria e move todos estes sistemas. Jaspers (1965, p. 16) aponta um problema que foi gerado pela própria tecnologia e diz que “Quando ligamos a luz ou o rádio, quando dirigimos um automóvel, não conhecemos com profundidade os processos que colocamos em operação.” Opera-se de forma automática, não se pensa mais em “como funciona o processo”, está se criando uma geração de pessoas alienadas.

Mais grave é a falta de preparo dos jovens perante este mundo tecnológico, Meneghetti (2013b) explica que é importante entender e dominar o mundo digital, porque é um enorme facilitador: maior é a informação utilizada –



como é justamente a informação digital – maior é a utilidade que se pode obter, mas ao mesmo tempo é maior o perigo, pois se entra nesse mundo sem uma preparação adequada. Preparação esta que deveria ser ensinada pela própria filosofia perene, por meio da racionalidade crítica.

Atualmente, a cultura está baseada, sobretudo na tecnologia, principalmente no que diz respeito à comunicação. Basta o conteúdo estar no mundo digital, para ser considerado verdadeiro, ou seja, não se buscam mais as fontes de informação. Com a Internet, sobretudo os jovens, acostumaram-se com a velocidade da transmissão de dados. Um meio de comunicação e informação que deveria servir como estímulo à sociedade, também tem seu lado negativo, quando exclui o valor humano. Não está claro, como será o comportamento desta nova geração de pessoas conectadas 24 horas no mundo virtual. O computador está fazendo o papel de “formador de opinião”, influenciando, inclusive, na cultura e na educação.

2.5 Tecnologia – o uso da Internet pelos jovens

A Internet⁸, a maior rede de comunicação, surgiu em 1969, pelos militares americanos. “O Departamento de Defesa dos Estados Unidos criaram um sistema de comunicação resistente a bombardeios” (VIEIRA, 2003, p. 3). Após diversos testes e pesquisas, finalmente em 1972, a rede funcionou pela primeira vez, “interligando quatro computadores em locais distintos”. A partir daí, com o auxílio do governo americano e de cientistas, matemáticos e engenheiros foram desenvolvidos programas de navegação, permitindo com que as pessoas pudessem transmitir sons, imagens, gráficos, “passo definitivo para a explosão da rede mundial de computadores” (VIEIRA, 2003, p. 8).

O primeiro contato do Brasil com a Internet ocorreu em 1988, sendo utilizada, principalmente, por universidades, fundações de pesquisa e órgãos governamentais. Somente em 1992 é que foram realizados os primeiros testes de um serviço de correio eletrônico e grupo de discussão conectado à rede, assim a *Web*⁹ ganhava o Brasil. A transformação possibilitada por essa tecnologia de

⁸ O termo Internet é resultante da simplificação e junção do inglês *International Network*, e significa Rede Mundial de Computadores. (MATTAR, 2011).

⁹ Web é uma palavra inglesa que significa teia.



informação incrementou uma nova ferramenta de comunicação entre as pessoas, por intermédio do computador.

Com o advento e ampliação da banda larga, além da diminuição do preço do computador e dos avanços da telefonia móvel, a Internet passou a ser bem mais acessível a grande parte da população. Atualmente, a rapidez com a qual as pessoas estão obtendo acesso a tecnologias virtuais, móveis e interconectadas não encontra precedentes na história da inovação e difusão tecnológica. O computador e a Internet proporcionaram ao homem uma fonte alternativa de comunicação, pesquisa e informação, com características de grande agilidade e facilidade de acesso. Esse meio virtual moderno teve grande aceitação por parte da geração jovem:

Nos últimos anos, crianças e adolescentes tiveram acesso à Internet primeiramente por meio de conexões discadas, depois por meio da banda larga e das redes móveis – em casa, na escola e outros lugares-, o que resultou na aquisição de novas habilidades e competências. (CENTRO..., 2012).

Houve a incrível difusão das redes sociais e a adesão incontestável da quase totalidade dos jovens a essa nova forma de interagir com os pares. As redes sociais são hoje, provavelmente, o mais poderoso instrumento de formação de uma “cultura de pares” *on line* (*Facebook, You Tube*) (DELICADO; ALMEIDA ALVES, 2010). Esta “cultura de pares” seria o conjunto estável de atividades ou valores, que se compartilha entre pessoas de perfil semelhante.

A Internet possui características intrínsecas que podem potencializar o impacto associado a certos riscos, como por exemplo, a velocidade e a falta de controle sobre a propagação das informações, a memória irrestrita e distribuída (difícilmente consegue-se eliminar totalmente um conteúdo publicado na Internet) e a volatilidade de certos conteúdos (por exemplo, mudança da política de privacidade dos *sites*) (CENTRO..., 2012). Por exemplo, um escândalo foi revelado recentemente nos jornais *Washington Post* e *The Guardian*, onde publicaram que documentos vazados por um ex-funcionário da CIA revelava a cooperação do governo americano com as empresas de internet. O programa de monitoramento não afetaria apenas usuários norte-americanos, na prática, qualquer usuário desses serviços poderia ter sua comunicação violada.

‘É uma intrusão nos direitos humanos básicos’, disse o criador da web, Tim Berners-Lee, sobre a revelação de que empresas como **Google, Facebook,**



Yahoo, Skype e Microsoft colaboram com o governo dos EUA no programa de espionagem Prism. Um vazamento na semana passada mostrou que autoridades americanas têm acesso aos dados e informações dos usuários dessas empresas há sete anos. (DIAS, 2014).

Para comprovar que a maioria das pessoas não lê os *termos de uso e políticas de privacidade* dos sites que acessam, uma empresa de jogos resolveu fazer uma brincadeira e “em abril de 2010, a loja de jogos GameStation escondeu uma cláusula que fazia o usuário ceder os direitos da própria alma à empresa. Enquanto mil pessoas identificaram a brincadeira, 7 mil concordaram” (ROMERO, 2014). Este site fez apenas uma brincadeira, mas existem tantos outros que colocam cláusulas que realmente violam a privacidade do usuário. Diante de tantos problemas, a rápida difusão da Internet e de outras tecnologias *on-line* coloca aos líderes, juristas, cientistas e educadores, a importante tarefa de identificar os riscos associados ao uso da Internet.

2.6 Dados estatísticos da realidade brasileira relacionada ao acesso de jovens à Internet

O Brasil ainda é um país preponderantemente jovem, no qual 27,7% da população está abaixo dos 16 anos de idade, segundo dados do Censo 2010, realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2014). Cada vez mais esta parcela da população utiliza a Internet de forma intensa em sua vida cotidiana, incorporando progressivamente novas tecnologias de acesso como *notebooks*, celulares e *tablets*¹⁰.

A crescente integração do jovem na rede e a apropriação do conhecimento por meio do uso da Internet têm impactado substancialmente nas formas de aprendizagem e, conseqüentemente, o relacionamento do estudante com a escola. Nesse sentido, crianças, pais, professores e educadores, ao enfrentar esses novos desafios, necessariamente assumem novos comportamentos. Possivelmente estes pais e professores não sabem lidar com esta nova geração de crianças que preferem ganhar um *tablet*, ao invés de uma bicicleta. Pesquisa realizada pelo *Datafolha* nos dias 07 e 08 de novembro de 2013 junto à população da cidade de São Paulo das classes A, B e revelou: “O Datafolha perguntou o que

¹⁰ *Tablet* é um tipo de computador portátil, de tamanho pequeno, fina espessura e com tela sensível ao toque. O termo poderia ser traduzido por “tabletas”.



as crianças da família com até doze anos estão pedindo de presente de Natal, **23% citaram eletrônicos**, especialmente vídeo game e jogos (9%), tablets (8%), smartphones (7%), [...], bicicleta foi citada por 4%[...]" (DATAFOLHA, 2014).

O Centro de Estudos sobre as Tecnologias de Informação e Comunicação realizou uma pesquisa em 2012, em território nacional, com crianças e jovens na faixa etária entre 9 e 16 anos. Os dados são surpreendentes e mostram o perfil das crianças/jovens, futuros adultos do Brasil. Nessa pesquisa, verificou-se que a idade em que crianças acessaram a Internet pela primeira vez, ocorreu de forma mais recorrente, entre 8 e 10 anos de idade, com 46% respostas. Conforme informa a referida pesquisa, essa idade do “primeiro acesso”, cada vez mais, tem diminuído ao longo dos anos. Considerando que justamente a idade entre 8 e 10 anos é responsável pelo desenvolvimento da “primeira forma de consciência reflexiva, voluntária” (MENEGETTI, 2013b, p. 30) para a formação do caráter da pessoa, pode-se concluir que as crianças estão formando sua base psicorracional moldadas no “conhecimento virtual” fornecido pela Internet.

Outro dado é em relação à frequência de uso da Internet, em que 47% dos jovens responderam que acessam todos os dias e 38% acessam, ao menos, de uma a duas vezes por semana. Esse dado tem relação, também, com a situação financeira dos entrevistados, pois os que acessam diariamente pertencem, sobretudo, às classes A e B, pois têm acesso à banda larga. Pode-se considerar, portanto, que quando a tecnologia estender a banda larga às demais classes sociais, mais crianças acessarão o mundo cibernético com maior frequência.

Dentre as atividades realizadas na Internet, o maior uso relatado é para realização de trabalhos escolares, com 82%. A segunda atividade mais realizada, com 68% de respostas, é visitar um perfil de uma rede social, como por exemplo, o *Facebook*. Esse dado demonstra que, de fato, as bibliotecas e os livros não são mais a fonte principal de pesquisa escolar, mas sim, a Internet. As pesquisas sobre assuntos, que se utilizavam no passado, os grandes compêndios, enciclopédias, hoje são realizadas diretamente em *sites* sem referências bibliográficas, sem autor, com fontes desconhecidas e talvez não fidedignas. O risco é que estas informações que consolidam os aspectos cognitivos da racionalidade da criança e do jovem ainda em formação, nem sempre se encontram fundamentadas na realidade e a capacidade para discernir o que é verdadeiro ou mesmo selecionar informações que



possam agregar valores éticos e humanísticos à formação da pessoa e esta pode estar em perigo.

A pesquisa realizada em 2012 também verificou que 70% dos entrevistados declararam-se possuidores de perfil em alguma plataforma de rede social (CENTRO..., 2012). Analisando a idade dos entrevistados, pode-se concluir que muitos possuem um “perfil falso”, ou seja, não têm a idade mínima de 13 anos para utilização destes *sites*.

Pesquisa também apontou que “o celular é a segunda tecnologia mais presente nos domicílios brasileiros, atrás apenas da televisão. Ele faz parte do cotidiano de 87% dos lares no país, enquanto a TV chega a 98% deles” (CENTRO..., 2012). Portanto, os jovens podem estar no mundo digital e, simultaneamente, podem estar na sala ou no quarto, diante de um computador ou celular, mandando mensagens ou postando fotos. Com os celulares/*tablets*, até mesmo dentro da sala de aula, é possível estar acessando informações da Internet, presumindo-se assim, uma maior “distração” ou falta de concentração para os estudos.

2.7 Novos parâmetros do aprendizado

Há pouco mais de uma década, a grande maioria dos educadores e pais não poderia sequer imaginar a transformação radical pela qual o aprendizado passaria, trazendo benefícios, mas tampouco poderia prever prováveis “riscos” da interconexão incessante.

É fato que as escolas não podem mais conceber a aprendizagem dos jovens fora desse contexto mundial contemporâneo, pois esta é uma tecnologia que tende a evoluir. Em geral, o ensino ministrado nas escolas parece ser pouco atrativo para uma juventude ansiosa por aprender coisas novas e desenvolver habilidades e conhecimentos, e a escola estaria ocupando muito pouco esse lugar do interesse, da motivação para aprender. Um dos motivos é que os estudantes estão aprendendo a viver, a pensar junto, a ter uma opinião, e há um grande incentivo fora da sala de aula para descobrir coisas novas.

A mudança no comportamento está alterando, também, a forma como estão utilizando a Internet, cada vez mais, voltada para obter informações que facilitem o dia a dia, moldando o modo de viver e que influencie uns aos outros. *Sites* como *Orkut*, *Facebook* e *Twitter*, por sua instantaneidade, criaram esse novo



tipo de ansiedade: a de ficar sempre plugado para evitar a impressão de que se está perdendo algo. As promessas de felicidade levam o jovem a um consumo compulsivo de eletrônicos, agregando um conhecimento de massa. Segundo Chauí (1990, p. 147), por massa, se entende “o agregado amorfo e sem fisionomia dos receptores do conhecimento”.

Diversas pesquisas têm sido realizadas para estudar as consequências do uso da Internet pelos humanos. Em 2011, uma consultoria chamada Genera divulgou um estudo sobre os efeitos do uso da Internet entre os jovens. A empresa entrevistou seis mil pessoas da geração que cresceu usando a Internet e concluiu que as coisas estão mudando radicalmente.

‘A imersão digital afetou até mesmo a forma como eles absorvem informação’, afirmam os pesquisadores. ‘Eles não leem uma página necessariamente da esquerda para a direita e de cima para baixo. Pulam de uma palavra para outra, atrás de informação pertinente’. Um efeito disso já foi notado por um professor da Universidade Duke. Ele reclamou com o autor de *The shallows* que não consegue mais que seus alunos leiam um único livro do começo ao fim, mesmo nos cursos de literatura. (CAIRO *et al.*, 2014).

Está se condicionando o jovem a relacionar-se com a máquina e a deixar de lado a constante que faz parte do conhecimento da vida. É preciso resgatar o critério humano para poder dar o teor de conhecimento do humano. O desafio é formar sujeitos sociais, que tenham como parte de sua identidade a capacidade de conviver com o mundo digital e o universo simbólico nele construído e, sobretudo, que sejam aptos, individual ou coletivamente, para além das expectativas que as regras pré-estabelecidas pelo sistema de governança do ciberespaço já definiram como as mais adequadas.

3 DISCUSSÃO

O problema é que a tecnificação intensa e rápida da vida social do jovem, pode também levar a substituição dos valores existenciais, trocados por lógicas técnicas. É preciso, porém, ter consciência de que, se as inovações técnicas são incontornáveis, os usos delas dependem apenas da capacidade humana de compreender seus contextos de produção e de neles intervir. Tais reflexões fazem parte do cotidiano da sociedade e os jovens são confrontados com elas,



necessitando desenvolver o senso crítico. Esta é a característica do homem moderno que lhe permite tomar decisões e fazer escolhas com base não mais em crenças religiosas, mas em informações científicas pelo uso de sua razão (GIDDENS, 1997; BELLONI; BEVORT, 2009).

A tecnologia tem que ser utilizada sempre com um propósito bem definido, pois depende única e exclusivamente do próprio homem para se fazer o bom ou o mau uso das inovações tecnológicas. Para tanto, a capacidade de reflexão se faz necessária, e esta só é formada com uma boa base de estímulos na educação. A dificuldade é que os jovens ainda não encontraram um núcleo onde identificar a coragem para existir no próprio futuro. A tecnologia evoluiu na construção de uma ciência de domínio externo, e o mundo interno de cada indivíduo foi descuidado, como seria possível resgatar?

Os adolescentes de hoje, já nasceram com o Google e a Internet. A Wikipédia é a única enciclopédia que eles apreciam para fazer as pesquisas da escola. Eles manejam qualquer tocador de mp3, celular, *smartphone*, *tablet* ou leitor de *e-book* e já tentaram ensinar seus professores, pais ou avós a usar o controle remoto da TV de LED e até criar um perfil no *Facebook*. São também chamados de nativos digitais.

Comumente, acredita-se que as informações encontradas em *sites* como a Wikipédia são mais importantes que em outras fontes. Porém, a Internet não pode ser uma fonte confiável para a realização de trabalhos de cunho intelectual, conforme explica Unglaub e Unglaub (2006):

A rede de computadores – internet – se torna cada dia mais uma grande ferramenta de pesquisa, mas não deve ser a única fonte. Pesquisar nesta grande rede é fácil, mas encontrar exatamente o que se deseja nem sempre é tão simples. Não existem fórmulas exatas que façam pesquisas bem-sucedidas. (UNGLAUB; UNGLAUB, 2006).

Conforme Silva (2003), a ocupação metodológica do professor para esta nova geração passou a ser instrumental, pois dá-se valor a tecnologia aplicada ao ensino e não mais a racionalidade crítica.

Meneghetti (2010b) tece uma crítica aos termos utilizados, referente à Internet, alertando que nem mesmo sabemos os significados dos termos mais utilizados, aos quais geralmente nos levam a uma inferiorização mental. Por exemplo, sobre o termo *Wikipédia* analisa: “Mas o que significam todos estes



nomes? [...] “*Wikipédia*”: é a expressão de um menino que ainda não sabe pronunciar “enciclopédia”, pelo qual este termo nasce do “balbucio” de um infantil. [...]” (MENEGETTI, 2010b). E ainda sim, este é um exemplo de fonte ao qual os jovens mais inteligentes se apoiam.

Quais são as fontes as quais buscamos informações na Internet? Pode-se dizer que dois ou três *sites* de pesquisa se transformaram nas bibliotecas virtuais. Estar limitado à pesquisa na Internet é um risco, pois os *sites* não garantem a veracidade das informações, não trazem as fontes de pesquisa, nem ao menos o nome do autor dos textos. Meneghetti (2013b) faz uma crítica a esta superficialidade do mundo digital:

Cada homem é, de qualquer modo, conforme as imagens que procura e escolhe e, além disso, dentro das imagens que circulam, os blog que se leem etc., não existe um “Buda” que elabora os textos, as fotos etc., é a maioria da massa que escreve tudo o que é a internet, jovens que começam, mas que não possuem uma cultura profunda e global da situação sobre a qual falam. Possuem as próprias curiosidades e piratarias infantis e por isso escrevem, infamam, impostam, amontoam-se etc. Cada um quer invadir o mundo à imagem e semelhança de si mesmo. (MENEGETTI, 2013b, p. 101).

Importante lembrar que o homem está em contínua formação em sua existência, portanto, se o homem formador de opiniões e de conhecimento desconhece as bases filosóficas clássicas da formação, o receptor da informação continuará nessa rede de erros. Conforme discorre Meneghetti (2002), em seu livro *O critério ético do humano*, os formadores de opinião são os líderes, ou seja, o cientista, o político, o empreendedor, e quem quer que seja operador da sociedade. Assim, ele afirma, que primeiramente tem que haver uma referência de alta e evidente ética, para depois dar proporção justa a todos, “A primeira humanidade parte da melhor humanidade” (MENEGETTI, 2002, p. 20), assim interpreta-se que, primeiramente, se deve aprimorar os líderes, responsáveis pela evolução do grupo e, conseqüentemente, toda a sociedade também cresce.

Hoje falta dar uma base filosófica para salientar o valor do humano que está em crise entre os jovens. As manifestações e protestos realizados pela juventude impaciente, demonstra, inclusive, este apelo em busca de algo concreto. O senador Paulo Davim (PV-RN) manifestou o seu apoio às manifestações populares que tomaram conta das ruas das principais cidades brasileiras em 2013. Em discurso no Plenário, o parlamentar repudiou os atos de vandalismo e disse que a democracia brasileira está se fortalecendo:



Na opinião do senador, não foram os R\$ 0,20 de reajuste na passagem em São Paulo que levaram tantos jovens a ocuparem as ruas das grandes cidades do Brasil, mas uma insatisfação latente, que precisa ser considerada.

– O movimento pinta com cores vivas a democracia do Brasil. Temos que interpretar essa lição. Precisamos ter a sensibilidade de médicos para interpretar os sintomas das manifestações. Esses jovens querem mais. Querem ampliar seus direitos como cidadãos; querem uma política de mobilidade urbana; querem perspectivas diferentes para suas vidas, além de mais recursos para a educação e para a saúde – afirmou. (JUSBRASIL, 2013).

A insatisfação dos jovens existe e é demonstrada pelas manifestações que foi a forma inconsciente encontrada por eles para reclamar. Estes jovens estão em busca de um novo valor, valor este que deve ser resgatado também por meio da filosofia perene com o respaldo da ontopsicologia.

Porém não se trata de fazer a revolução externa, [...], mas antes a revolução interior: formar-se, compreender, ir verificar, permanecendo sempre fiéis ao próprio Em Si ôntico¹¹ que pouco a pouco dá a possibilidade... até que um dia se chega a tomar o comando. (MENEGETTI, 2008, p. 179).

A situação não mudará se não se desperta o genuíno capital da inteligência nativa. Os jovens devem começar verdadeiramente desde o início. Devem eliminar todas as ideias superficiais, “distanciar-se de todos os egossistemas dos diversos partidos e sair da memética, que fará determinados estereótipos em suas consciências” (MENEGETTI, 2013b, p. 133).

Hoje o mundo é mais fácil. A globalização, os encontros que se fazem entre muitas culturas, relativizam todos os absolutos, mas despertam a capacidade de quem não apenas têm coragem e talento, mas também competência, racionalidade e experiência para entrar como ato providencial no contexto dialético da nossa sociedade. É necessário construir a autenticidade do indivíduo; depois, dali, ele sabe fazer genialmente todos os ofícios que escolher (MENEGETTI, 2013b, p. 140).

Para Meneghetti (2013b), a suprema sabedoria de todos os tempos sustenta que se um homem conhece a si mesmo saberá tudo, porque entra no ser. Portanto, é inútil estudar a vida: é preciso saber compreender a si mesmo, porque dali se abre a iluminação em toda a vida. Mas o autoconhecimento só é possível com um profundo respeito e cuidado do próprio corpo, e da mente. Esse é o milagre

¹¹ Em Si ôntico: Princípio formal inteligente que faz autóctise histórica.



da evolução da mente. Este conhecimento do próprio humano, só é possível com o resgate do estudo de disciplinas que elevem a capacidade crítica.

Atualmente a educação está vivendo uma crise, “certamente poderíamos identificá-lo na crise: de valores, de ideias, de certezas, em última análise de identidade, não apenas da pedagogia ou da educação, mas da natureza do homem” (CAROTENUTO, 2013, p. 322). Algumas das causas desta crise, na visão de Carotenuto (2013), seriam: a falta de adequação da escola e da função docente às novas exigências de uma sociedade em transformação; o contraste entre instrução escolar institucionalizada e os recursos de aprendizagem oferecidos pelo mundo moderno; e a crise da cultura, que perdeu a sua capacidade de suscitar interesse e participação. “O homem não sabe quem é e como funciona, não sabe acessar os recursos próprios da sua natureza e usá-los, continua a perseguir soluções instrumentais [...]” (CAROTENUTO, 2013, p. 331). Seria providencial uma reestruturação na forma como está sendo conduzida a educação. Culturalmente a sociedade necessita de um novo “Renascimento”, para renascer com os seus valores humanistas, e retornar à criatividade tipicamente humana.

Meneghetti (2013b) esclarece que o problema fundamental no plano da pesquisa última, é o da refundação de um critério ético dentro do humanismo. Sendo assim, por meio dos estudos das fontes do humanismo autêntico se pode encontrar inspiração para ativar a própria imagem e semelhança, a própria liderança e, portanto, sinalizar de valor a passagem da própria existência. “É magnífico conseguir, vencer, transferir a vida de modo melhor” (MENEGETTI, 2013b, p. 157). Para ele, o humanismo não é apenas teoria, ele é a prática diária ao longo da história, “o humanismo não é uma ideia de intelectuais: é a práxis histórica daquilo que depois a história conta, aquela história que é escrita por quem vence, nunca por quem perde” (MENEGETTI, 2013b, p. 157).

Portanto, o humanismo do qual Meneghetti se refere, deve ser refundado sobre o sentido ontológico: é importante ser verdadeiro para si. Chegar a saber ser, significa observar todas as regras externas sem nunca trair dentro o verdadeiro que se é, aquele sentido ontológico que faz alma, vida, presença ou angústia. Eu sou: se eu sou no meu verdadeiro, eu sou de todo modo. Daqui nasce a fonte para compreender e encontrar o relativismo histórico das contradições. (MENEGETTI, 2013b). Existe uma essência que tipifica o homem, enquanto humano, isso é o que o difere de todas as outras espécies e permite a sua comunicação. Mas a consciência



pode, muitas vezes, perceber de forma distorcida, não permitindo um entendimento claro da situação, e fazendo com que o homem aja de modo errôneo:

O ser humano, para além das diferenças, de história, cultura, raça ou religião, tem uma essência que o tipifica enquanto 'humano'. Todavia, a consciência com a qual se 'colhe' pode ser, e infelizmente, de fato, é, bem outra em relação à realidade. (CAROTENUTO, 2013, p. 383).

Como confirmação da existência desta essência tipicamente humana, a autora, desperta os olhares para ao longo das civilizações, e poder verificar que sempre houve uma “comum humanidade” transmitida por intermédio da cultura, ou seja, ela nunca esteve “perdida”, apenas estava pouca evidenciada:

Ora, se em alguns momentos o humano conseguiu exprimir o potencial propriamente humano e a reconhecê-lo à distância de séculos como algo que pertence à sua 'natureza humana', significa que, para além das épocas históricas, das formas de civilização, cultura, língua [...] há uma constante, uma identidade, uma comum humanidade, da qual era preciso encontrar as coordenadas. (CAROTENUTO, 2013, p. 385).

Para Carotenuto (2013), Meneghetti foi o verdadeiro responsável por colher estas coordenadas racionais e científicas do *humanitas* que faltavam. Tendo ele, individuado o princípio fundante que faz o *nexo ontológico* entre a consciência e o íntimo do real; seja ele situação ou intencionalidade do ser na fenomenologia existencial. O termo *nexo ontológico* significa este contato entre ser e existir, intelecto e corpo, forma e matéria, tanto procurado por toda a filosofia. O mérito de ter encontrado este *nexo ontológico* foi de Meneghetti, que por consequência, consentiu-lhe definir dois fundamentos imprescindíveis no proceder científico, em qualquer âmbito que se realize. “Trata-se do código base que a vida usa para a conexão entre as diversas individuações em que se especifica (campo semântico) e do projeto-base que estrutura o existir humano (Em Si do homem)”. (CAROTENUTO, 2013, p. 387).

Meneghetti (2013b, p. 158) acena a necessidade do retorno às bases da filosofia perene: “Todo o conhecimento inclusive a filosofia, deve dar uma base de êxito”. O homem tem um princípio que o torna íntimo à inteligência elementar físico-cósmica do universo, isto é, o homem está dentro de um projeto que alguém fez. O homem “não apenas vive dentro de estereótipos, hábitos, linguagens circunscritas etc., mas também dentro de um modelo de criação que outros estabeleceram”



(MENEGHETTI, 2013b, p. 158). Saber isso é importante, porque quando se tem o conhecimento da própria identidade (como se é, onde se é, onde se caminha etc.), então se pode saber o melhor da própria ação.

Jaspers (1965) já acreditava na filosofia como uma forma de conhecer a si mesmo. Ele afirmava que as aberrações que afastam da ciência pura e das primeiras fontes de filosofia, comprometem nossa consciência do ser. Esta se torna função vazia de uma existência que tem de si mesma, concepção e experiência abstratas. Ela se falsifica engendrando uma visão do mundo, que se reduz a percepção de superfície; ela se falsifica na desmistificação, e traz a desolação como atitude fundamental diante da vida; ela se falsifica, enfim, transformada em superstição científica e toma a forma de um comércio com as coisas que torna invisível a natureza mesma dessas coisas. Esses desvios fecham-nos o caminho da filosofia. A missão da filosofia é romper essas barreiras e trazer o homem de volta a si mesmo.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A ciência e a tecnologia estão intimamente coligadas e as facilidades, velocidade, agilidade no fluxo de informações e conhecimento são encantadoras e possibilitaram um grande avanço no desenvolvimento cultural e social. A forma de relacionamento, de estudo e pesquisa, de produção industrial diariamente sofrem alterações em decorrência deste fenômeno. Indiscutível é o benefício e a alavancagem globalizada desta ação.

A crítica proposta neste artigo não é uma oposição ao desenvolvimento científico e tecnológico, mas de indagar, em conjunto com a ciência, se o critério biológico e psíquico do humano ainda está presente. Trata-se de retomar a crítica racional humana, os valores éticos, e se a identidade humana está sendo preservada, ou se em alguns momentos acabamos por acreditar de tal forma no externo que duvidamos de nossos instintos, intuições.

O homem possui um critério de natureza que necessita ser atuado, para que ele de forma autêntica refunde e identifique, na ciência e tecnologia, o seu critério humanista. Para Meneghetti (2008), a filosofia é a única ciência capaz de autofundar-se. É como se esta filosofia perene mantivesse uma *identidade*



*evidente*¹², ou seja, mantivesse essa forma que especifica o indivíduo coincidindo entre o objeto aberto e o íntimo de quem vê.

A ciência pode ser comparada ao critério convencional, que se baseia em convenções, opiniões, que atualmente não sustenta o valor humano, isso porque a consciência não está mais refletindo os valores de forma clara. Vejamos por exemplo: alguém discute com a ciência se o resultado é neutro, se é correto, se reflete a realidade? O que assistimos é que a sociedade está massificada em seus estereótipos de grife, de meios eletrônicos de mídias sociais, notícias e informações que necessariamente não contém a realidade. Essa avalanche de informações é muito incisiva e, apesar de muitas vezes estarmos desconfortáveis, com informações que percebemos incoerentes, acreditamos ser a verdade. Se a reflexão do conhecimento não coincide com o critério da vida humana, como aquilo que dá identidade básica da vida humana, tem-se um critério convencionado pela doxa social e torna-se opinião.

A “ciência” enquanto distanciou-se da filosofia perene, apoiou-se sobre um critério convencional e produziu tecnologia. Esta tecnologia tem ditado normas e comportamentos sociais cujo critério tecnológico e mecânico distanciam o homem de sua identidade. Não é importante justificar os motivos da separação entre ciência e filosofia, mas é necessário buscar na história, os momentos onde esta filosofia perene esteve em evidência, e resgatá-la para a atualidade, para obter-se uma ciência novamente voltada ao sentido do humanismo.

Em síntese, o ideal educativo do Humanismo é a formação do homem completo e integral, que se afirma como critério biológico, pensamento, vontade e sociabilidade. A solução, porém, não seria repropor a civilização grega ou aquela romana, aquela cristã ou aquela humanista-renascentista, mas reencontrar os “primeiros princípios” que as tornaram humanas, e é essa a enorme contribuição da obra científica pedagógica de Antonio Meneghetti, ter encontrado aquele nexos que faz medianicidade entre indivíduo, consciência, sociedade e a vida perene da natureza total. (CAROTENUTO, 2013).

No Brasil, por exemplo, foi tolhida a cultura de base, o estudo das línguas clássicas, a filosofia, a história, a política etc., e instrumentos que desenvolviam a racionalidade crítica, que são meios que repropõe a crítica racional humana. Para

¹² **Identidade:** Lat. *id quod est ens*= o que o ser é aqui, assim e agora. **Evidência:** Lat. *Ex. vidente* = o que resulta da experiência daquele que vê.

Afonso (2010, p. 93), “devemos recuperar essa cultura clássica perdida em alterações realizadas no ensino brasileiro, não para sermos romanos ou gregos, ou para reviver um passado, mas para sermos brasileiros, donos do Brasil”. Importante é retomar os instrumentos de lógica, de história, o senso crítico para fazer um humanismo.

A globalização revelou a necessidade de identificar valores compartilhados de modo que os homens possam dialogar para além das inelimináveis diferenças de povos e culturas e é óbvio que esses valores devem ser “radicados” onde todos se reconheçam, a comum natureza humana, porque homens se nasce, mas humanos se torna, por meio da educação. (CAROTENUTO, 2013, p. 387).

Em linhas gerais, a Ontopsicologia é a ciência que leva o homem ao contato com o próprio ser, e a ontologia é o conhecimento no qual se pode embasar para entender o ser. Em outras palavras, “a Ontopsicologia é a descoberta e renascimento do humanismo radical, capaz de poder entender as tantas variáveis históricas, que em todo o caso, contém” (MENEGETTI, 2010b, p. 140).

A ciência ontopsicológica é uma técnica de verificação da consciência e depois de pesquisa e de operação ao escopo da *humanitas*, porque este planeta é maravilhoso e nós somos os responsáveis; fomos postos aqui para fazer algo a mais, de belo, e este é um fascínio que faz intencionalidade psíquica no indivíduo e na sociedade. (MENEGETTI, 2010b, p. 157).

Meneghetti (2010b), tendo individuado seja a “forma mentis” do homem coincidente com o projeto de natureza (Em Si ôntico), seja a causa da distorção da consciência (monitor de deflexão¹³), forneceu as indicações para uma pedagogia que possibilita desenvolver o potencial humano em recursos disponíveis para o indivíduo e para a sociedade, não de “uma” sociedade, mas de cada sociedade, porque o homem é o mesmo, qualquer que seja o hábito cultural (CAROTENUTO, 2013, p. 386).

Sobre o resgate ao fundamento filosófico, a ontopsicologia trouxe como resposta a este problema, a necessidade de o homem ter a correta percepção sobre o mundo. Somente com a iluminação do caminho, o homem pode ter a clareza das coisas com as quais convive. A ontopsicologia é a responsável por clarificar e validar aquilo que os antigos filósofos propuseram.

¹³ Monitor de Deflexão: Engenho Psicodélico deformador das projeções do real na imagem.



A ontopsicologia ensina a exatidão da natureza ao filósofo ou cientista para que seu conhecimento tenha critério de valor e seja verdadeiro. Sem a precisão funcional do sujeito e sem a raiz do saber que é a causa da lógica verdadeira, as projeções de consciência se reduzem a opiniões (VIRDOR, 2013, p. 107).

Segundo Vidor (2013, p. 107), “a Ontopsicologia é a psicologia epistêmica para todos os conhecimentos de valor relativos à vida do homem.” Qualquer pesquisa realizada é sempre em projeção antropocêntrica, ou seja, é sempre em relação ao homem. Portanto, é a própria consciência que deve ser atualizada ao real da natureza, para que se alcance a autenticidade e a criatividade para a evolução do humano.

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, N. **Dicionário de Filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

AFONSO, Eduardo. **Política e educação** – conhecimento histórico para a tomada de consciência. Ano III. São Paulo: Performance Líder, 2010.

BAZZO, W. A. **Ciência, Tecnologia e Sociedade**: e o contexto da educação tecnológica. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1998.

BELLONI, M. L.; BEVORT, E. Mídia-educação: conceitos, história, perspectivas. **Revista Educação e Sociedade**, n. 108, 2009.

CAIRO, Alberto; MOON, Peter; SORG, Leticia. **A internet faz mal ao cérebro?** Disponível em: <<http://revistaepoca.globo.com/ideias/noticia/2011/10/internet-faz-mal-ao-cerebro.html>>. Acesso em: 31 jul. 2014.

CAROTENUTO, Margherita. **A Paideia ôntica**: dos Sumérios a Meneghetti. Tradução Ontopsicológica Editora Universitária. Recanto Maestro/São João do Pelêsine/RS: Ontopsicológica Editora Universitária, 2013.

CENTRO Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação. TIC Kids Online Brasil. 2012. **Pesquisa sobre o uso da Internet por crianças e adolescentes**. Coordenação executiva e editorial Alexandre F. Barbosa – São Paulo. Comitê Gestor da Internet no Brasil, 2013. Disponível em: <WWW.cetic.br>. Acesso em: 14 maio 2014.

CHAUÍ, Marilena de Sousa. **Cultura e Democracia**: o discurso competente e outras falas. 5. ed. São Paulo: Cortez, 1990.

DATAFOLHA. **Compras**. Disponível em:



<http://media.folha.uol.com.br/datafolha/2013/12/10/apresetancao_compras.pdf>. Acesso em: 30 jul. 2014.

DELICADO, A.; ALMEIDA ALVES, N. Children, internet, cultures and online networks. Paper apresentado ao **Colloque International Enfances & Cultures, Ministère de la Culture et de la Communication**, AISLF, Université Paris Descartes, 2010. Disponível em: <<http://www.enfanceetcultures.culture.gouv.fr>>. Acesso em: 25 jun. 2014.

DIAS, Tatiana de Mello. **Prism**: porque nós deveríamos nos preocupar. Disponível em: <<http://revistagalileu.globo.com/Revista/Common/0,,EMI339098-17770,00-PRISM+PORQUE+NOS+DEVERIAMOS+NOS+PREOCUPAR.html>>. Acesso em: 30 jul. 2014.

GIDDENS, A. **Modernidade e Identidade Pessoal**. Oeiras (Portugal): Celta Editora, 1997.

GOLDEMBERG, José. Tecnologia apropriada. **Revista Encontros com a civilização brasileira**. Rio de Janeiro, n. 3, p. 157, set. 1978.

IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística). Disponível em: <<http://www.censo2010.ibge.gov.br/sinopse/index.php?dados=12&uf=00>>. Acesso em: 31 jul. 2014.

JAPIASSU, H.; MARCONDES, D. **Dicionário Básico de Filosofia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1996.

JASPERS, Karl. **Introdução ao pensamento filosófico**. Tradução de: Leonidas Hegenberg e Octanny Silveira da Mota. 3. ed. São Paulo: Cultrix, 1965.

JUSBRASIL. **Para Paulo Davim, manifestações populares exprimem anseios dos jovens brasileiros**. 2013. Disponível em: <<http://senado.jusbrasil.com.br/noticias/100569428/para-paulo-davim-manifestacoes-populares-exprimem-anseios-dos-jovens-brasileiros>>. Acesso em: 10 ago. 2014.

MARÍAS, Julian. **História da Filosofia**. Tradução: Claudia Berliner. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

MATTAR, Fauze Najib. **Administração de Varejo**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2011.

MENEGHETTI, Antônio. **O critério ético do humano**. Tradução: Maria Luisa Andreolla. Porto Alegre: Ontopsicológica Editrice, 2002.

_____. **Dicionário de Ontopsicologia**. Traduzido por Ontopsicológica Editrice. 2. ed. Recanto Maestro: Ontopsicologica Editrice, 2008.

_____. **Manual de Ontopsicologia**. Tradução Ontopsicológica Editora Universitária. 4. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Ed., 2010a.



_____. **Dall'umanesimo storico all'umanesimo perene.** Rome/Italy: Psicologia Editrice, 2010b.

_____. **Conhecimento ontológico e consciência.** Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2011.

_____. **Genoma ôntico.** 3. ed. Recanto Maestro, RS: Ontopsicológica editora Universitária, 2013a.

_____. **Os jovens e a ética ôntica.** Tradução Ontopsicológica Editora Universitária. Recanto Maestro, São João do Polêsine/RS: Ontopsicológica Editora Universitária, 2013b.

MITCHAN, C. L. **¿Qué es la filosofía de la tecnología?** Barcelona: Editorial Anthropos, 1989.

NEVES, Joana. **A construção de um mundo globalizado.** 1. ed. São Paulo: Saraiva, 2002.

ROMERO, Luiz. **Não li e concordo.** Disponível em: <<http://super.abril.com.br/tecnologia/nao-li-concordo-contratos-termos-sites-redes-sociais-698482.shtml>>. Acesso em: 31 jul. 2014.

SARAIVA, Augusto. **Filosofia.** Lisboa: Plátano, 1981.

SEIFERT, Paulo Augusto. **Epistemologia das ciências sociais.** Curitiba: IESDE Brasil S.A., 2010.

SERRA, Joaquim M. P. **Filosofia e Ciência.** Covilhã: Lusofia, 2008.

SILVA, Antonio Carlos Ribeiro. **Metodologia da pesquisa aplicada.** São Paulo: Atlas, 2003.

UNGLAUB, E; UNGLAUB, D. L. **101 Atitudes para o estudo inteligente;** Alcance o sucesso descomplicando a arte de estudar. Campinas: Educação e Cia, 2006.

VIDOR, Alécio. **Business intuition.** Tradução e organização Foil. São Paulo: Foil, 2007.

VIDOR, Alecio. **Fenomenologia e Ontopsicologia:** de Husserl a Meneghetti. Recanto Maestro/RS: Ontopsicológica Editora Universitária, 2013.

VIEIRA, Eduardo. **Os bastidores da Internet no Brasil.** Barueri/SP: Manoele, 2003.